

Por fim, Cory reitera que todo autoconhecimento atual depende de conhecimento originário da sensação. Contudo, recorda que a inspiração aqui não é puramente aristotélica. Para ela, a abordagem tomista acerca da reflexividade da mente e seu caráter relacional são úteis para alimentar o debate contemporâneo.

Atualmente, esta é a melhor obra sobre o autoconhecimento segundo São Tomás, além de uma das melhores na área da teoria do conhecimento tomista. As explicações de Cory são pedagógi-

cas e embebidas de exemplos. Revela-se também muito persuasiva, embora fosse desejável que, em alguns casos, se baseasse mais explicitamente no *Corpus thomisticum*. É louvável a criação de nova terminologia para esclarecer passagens difíceis, mas é necessário estar atento a não complicar ainda mais.

Este primeiro livro de Cory já revela o seu grande talento filosófico. Os tomistas estarão certamente atentos às suas próximas obras.

*Felipe de Azevedo Ramos, EP*  
(Professor – IFAT)

**CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *São José: quem o conhece?* São Paulo: Lumen Sapientiae, 2017, 464p. ISBN: 978-85-66894-20-2.**

O recente volume de Mons. João Scognamiglio Clá Dias sobre a figura de São José, esse desconhecido para tantos fiéis católicos, tem o mérito de focalizar a missão providencial desse nobre filho de Davi, chamado a ser pai virginal de Jesus e esposo puríssimo de Maria.

A finalidade do Autor é clara, alta e ousada: desvelar a autêntica fisionomia do Santo Patriarca e fomentar uma devoção renovada, intensa e séria a seu respeito, fundamentada no rigor teológico e exegetico do conteúdo da Revelação.

Contudo, tal objetivo não se alcançaria sem o recurso a revelações privadas, de diversas almas místicas da história da Igreja, conforme especifica o Autor na Apresentação. Sem pretensões de exatidão histórica, Mons. Scognamiglio soube recompor os episódios biográficos

do grande Patriarca com acurada verossimilhança. Ornando as narrações com intuições pessoais, traça com feliz acerto as disposições de alma de São José e dos personagens envolvidos em sua vida, em perfeita harmonia com a doutrina ensinada pela Igreja e pelos mais abalizados “josefólogos”.

Do ponto de vista científico, a obra está solidamente documentada, como revela a bibliografia, ampla e específica ao mesmo tempo, não omitindo textos referenciais nem nomes de destaque.

A despeito disso, o conteúdo da obra não deixa de ser inédito. Extraindo o melhor da tradição em elucidações seguras e profundas a respeito de São José, Mons. João manifesta a audácia de seu *sensus fidei* a propósito do Patriarca, lançando longe o bastão da Teolo-

gia, tantas vezes inspirado por seu mestre espiritual, Plínio Corrêa de Oliveira. Na pena do Autor vemos brilhar juntos os melhores resultados do lento e longo processo de explicitação histórica a respeito da vocação e da santidade de São José, com uma visão muito particular, ampla e luminosa, de quem discerniu com viveza o papel do pai virginal de Jesus em sua época e para o porvir.

Os aportes à Teologia são vários; mencionaremos os mais destacados. Em primeiro lugar, deve-se reconhecer ao Autor o mérito de ter relançado a “Josefologia” não só em âmbito acadêmico, mas também para o grande público, sobre um tema hoje bem menos dinâmico que outrora.

De outra parte, o Fundador dos Arautos do Evangelho afronta, com destemor e respeito ao mesmo tempo, o delicado tema da imaculada conceição de São José. Compenetrado acerca dos ensinamentos do Magistério referentes à atribuição única a Maria deste privilégio insuperável na ordem da Redenção — sendo Ela a mais santa de todas as criaturas —, o Autor soube propor com galhardia uma estrada para salvaguardar a moção do *sensus fidelium* relativa a este assunto. Em outras palavras, aquilo que tantas vezes moveu os corações dos sábios e dos simples no sentido de aplicar a São José atributos semelhantes aos da Virgem.

Nesse sentido, a Obra expõe com delicadeza a possibilidade de se cogitar num privilégio josefino, inferior e

dependente do privilégio mariano, que colocaria São José numa relação de proporcionalidade harmônica com sua Virginal Esposa, sem, contudo, superá-la na virtude. Dessa forma, pode-se cogitar numa concepção imaculada de São José, obtida em função dos méritos de Jesus Cristo, aos quais se associariam as lágrimas de Maria na qualidade de corredentora. Portanto, nessa concepção, o Santo Patriarca estaria plenamente disposto a formar a mais perfeita sociedade com Maria, no vínculo matrimonial, embora sempre dependente e inferior a Ela na ordem da graça.

Por outra parte, o Autor expõe a novidade de tal atributo aplicado a São José, pai de Jesus, que rendera grandes debates ao longo da História. Alguns atribuíram a São José os apelativos de pai adotivo, pai legal ou pai putativo de Jesus. Esses títulos, mais do que definir a relação do santo Patriarca com o Verbo Encarnado, intencionavam salvaguardar a concepção virginal do Filho de Deus no seio puríssimo de Maria, uma vez que manifestam com clareza que São José, do ponto de vista biológico, não contribuiu para a geração do Menino.

Em contrapartida, certos autores omitem a estreita relação familiar estabelecida por Deus Pai entre Jesus e José. Nesse sentido, o Autor assume o parecer de alguns intérpretes recentes que atribuem ao Santo Patriarca o título de “pai virginal de Jesus”. Isso é baseado, diga-se, em razões teológicas ainda não explicitadas pelos “josefólogos”.

Com efeito, segundo Mons. Scognamiglio, o ato da geração natural tem, além da componente física, um aspecto mais valioso do ponto de vista humano, isto é, a racionalidade, que implica no desejo e no consenso de ter uma prole. Ora, tal desejo e consenso São José sempre o teve. De uma parte, *a fortiori*, por ser autêntico seu matrimônio com Maria. Por outra parte, sabia que sua Santa Esposa bem poderia ser a Virgem profetizada por Isaías, conforme indicam alguns fatores analisados detalhadamente na Obra.

Seu coração esteve, portanto, sempre aberto à vontade de Deus em relação à sua família, independentemente de sua constituição. Isso se verifica inclusive no que tange à possibilidade de obter o dom da fecundidade matrimonial por uma ação prodigiosa de Deus, mesmo se os esposos permanecessem — como de fato se deu — firmes em seu propósito de conservar a virgindade.

Portanto, São José, além de toda legalidade ou aparência, foi pai natural, mas virginal, de Jesus. Daí o merecer realmente e não analogamente o título de pai, não pelo concurso físico, mas sim graças à componente da vontade.

Outra questão interessante versa sobre a perplexidade de São José diante do mistério da Encarnação. Nesse ponto, o Autor evidencia seu progresso teológico e exegetico, pois, afirmando o contrário do escrito anteriormente, como ele mesmo reconhece, reformula sua tese em conformidade com o pen-

samento de São Tomás, de Salmerón e de muitos exegetas conceituados da atualidade. Na realidade, a atitude do Santo Patriarca de abandonar Maria não se deveu a nenhuma suspeita, mas sim pelo temor de Deus, o qual, fruto da humildade, fazia-lhe sentir-se indigno de estar próximo dessa nova Arca da Aliança, tão mais divina que a primeira, pois portava em seu seio não símbolos divinos, mas sim o próprio Deus.

Ao tratar das virtudes de São José, o Autor corrige com verve e eficácia alguns erros que subconscientemente podem ter se difundido na mente dos fiéis através da iconografia do Santo, por vezes um tanto adocicada; ou ainda, pela transmissão parcial acerca de sua personalidade por parte de alguns pregadores. Para Mons. João, o Santo Patriarca é homem na força do termo, de santidade ímpar, em vista da altíssima missão assignada a ele.

Reúne em si, portanto, virtudes harmonicamente contrapostas, que fazem dele um varão completíssimo e íntegro: capaz de toda a força, audácia e resistência para amparar e defender a Sagrada Família, foi também o mais terno dos pais e o mais delicado dos esposos; exercendo o humilde ofício de marceneiro, nunca deixou de honrar sua condição de descendente da realeza davídica; discreto e apagado em sua vida, não houve sol mais brilhante que ele na contemplação amorosa de Jesus e Maria, toda feita de penetrante discernimento e enlevo; ornado pela dignidade de Chefe da

Sagrada Família, posto à cabeça do próprio Deus humanado e de sua Mãe Santíssima, agiu sempre com a retidão do varão justo e a disponibilidade do escravo dócil e submisso.

Em última análise, eis a razão do sugestivo título: *São José, quem o conhece?* Sim, trata-se, ao ler a Obra,

de abrir o coração e a mente ao fulgor único da alma do Santo Patriarca, um homem canonizado pelo próprio Espírito Santo ao ditar o Santo Evangelho.

*Carlos Javier Werner Benjumea, EP*  
(Professor – ITTA)

**BIFFI, Giacomo. *Lettere a una carmelitana scalza (1960-2013)*. A cura di E. Ghini; prefazione di C. Caffarra; postfazione di M. M. Zuppi. Castel Bolognese: ITACA, 2017, 302p. ISBN: 978-88-526-0519-2.**

L'11 luglio 2015 concludeva il suo lungo e proficuo pellegrinaggio terreno il Card. Giacomo Biffi, Arcivescovo emérito di Bologna, noto per i suoi scritti in ambito soprattutto teologico e catechetico, per le sue omelie, sempre brevi, ma allo stesso tempo dense e graffianti, delle quali i primi uditori erano coloro che non erano proprio in sintonia con lui, ma che in ogni caso gli riconoscevano una profonda preparazione, coerenza ed onestà intellettuale. Chi ha conosciuto personalmente il Card. Biffi, come il sottoscritto che è stato da lui ordinato diacono ed ha continuato questo legame in vari modi lungo gli anni, conservandone ricordi indelebili, ovvero attraverso i suoi scritti ed i suoi interventi pubblici, ha potuto sempre verificare il suo sincero amore per Cristo, il centro di tutto e di ognuno, e per la sua sposa, la Chiesa (che per questo pretendeva si scrivesse sempre con la maiuscola), chiamata a continuare nello spazio e nel tempo la missione salvifica affidata dal Padre al Figlio.

A proposito del mio rapporto personale, mi permetto di condividere un episodio che ad oggi mi rimane inspiegabile ed allo stesso tempo manifesta l'imprevedibilità del Card. Biffi. Egli che faceva "... fatica ad andare anche a S. Giovanni in Persiceto" (lettera del 14-VII-1997, p. 214 — Da ora in poi indicheremo, salvo eccezione, solo la data della lettera) accettò, con sorpresa di tutti, l'invito che il Rettore della Pontificia Università San Tommaso d'Aquino in Roma (*Angelicum*), gli fece avere mio tramite, di presiedere la celebrazione Eucaristica nel giorno della Festa di San Tommaso (28 gennaio 1996). Nell'omelia che tenne, in soli nove minuti riuscì a tratteggiare la figura del vero teologo alla luce del grande Dottore Angelico. Mettendo in risalto le virtù che deve possedere ed evidenziando i vizi dai quali deve tenersi lontano colui che è chiamato ad annunciare con sapienza il progetto salvifico di Dio: "Noi non abbiamo bisogno di annunciatori della parola che cambi-